

# O campo jornalístico e a importância da distinção política entre direita e esquerda

Carlos Alexandre de Carvalho Moreno\*

## Introdução

Em seus melhores momentos, os veículos de comunicação jornalística servem para divulgar informações que são efetivamente importantes em termos do exercício da cidadania. É disso precisamente que trata o conceito de *agendamento* (*agenda-setting*) em Teoria do Jornalismo. “Os meios noticiosos determinam quais são os acontecimentos (assuntos e problemáticas) com direito à existência pública e que, por isso, figuram na agenda de preocupações, como temas importantes da opinião pública” (TRAQUINA, 1993, p.11).

O *campo jornalístico* parece fundamental para a constituição da *agenda* de uma sociedade como a brasileira. Ou seja, do “conjunto de relações entre agentes especializados na elaboração de um produto específico conhecido como a informação” (*Id*, 2001, p.20) podem surgir iniciativas editoriais que determinem favoravelmente a “lista de questões e acontecimentos que são vistos num determinado ponto no tempo e classificados segundo uma hierarquia de importância” (*Id*, p.47). Isso é válido pelo menos no que diz respeito ao Brasil dominante, abordado recentemente pelo historiador e jurista Raymundo Faoro (CARTA e DIAS, 15/05/02, p.33) e constituído por um contingente de cerca de 20 milhões de habitantes em condições de ler jornais e livros.

Os jornalistas não apenas integram o país dominante como têm nele uma vital missão em termos intelectuais e mesmo políticos. Afinal, como ressalta Traquina, estes profissionais não são observadores passivos e sim “participantes ativos na construção da realidade” (1993, p.13). Em relação ao bom cumprimento da tarefa jornalística, é destacado aqui o semanário *Carta Capital*, que tem Mino Carta como Diretor de Redação. Uma das hipóteses deste texto é a de que o jornalismo analítico da revista enriquece a *agenda* do leitor brasileiro, pois relaciona fatos e conceitos, num recurso dos mais desejáveis a fontes oriundas do campo erudito da vida contemporânea.

---

\* Doutor em Semiologia pela UFRJ, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aqui, *Carta Capital* é tomada como um sinal da pertinência da lição de Traquina: “é tempo de reconhecer que a preparação dos futuros profissionais do campo jornalístico passa por uma formação universitária que privilegia uma formação sólida nas ciências humanas e sociais” (2001, p.46). Para que o tipo de serviço de informação oferecido por um veículo como o dirigido por Mino Carta passe a ser predominante, provavelmente será preciso operar uma mudança de mentalidade no campo jornalístico, que incluirá, certamente, o empenho na formação humanística por parte de quem exerce o ofício da Comunicação Social.

Demonstrando o interesse da colaboração ente imprensa e meio acadêmico, a pauta deste artigo foi inspirada por uma matéria de *Carta Capital* em que foi discutida, com referência a Norberto Bobbio, a distinção política entre direita e esquerda no contexto do avanço da extrema direita na Europa (COSTA, 01/05/02, p.36-38).

Este comentário retoma e amplia o estudo da conceituação de Bobbio, bem como faz referência ao discurso do escritor paquistanês Tariq Ali com o objetivo de considerar a questão do extremismo.

#### Razões da sobrevivência de uma diáde

Há quem argumente que já não há mais lugar, no pensamento político contemporâneo, para lidar com a consagrada diáde direita-esquerda. Ter4 T em meia aogal ops daglobtalzuaçã,s  
seiname

T u r o p a é a p r 9 ( o m p o r ) - 2 4 . 8 c s i o n r s

egos. Oz rst o esrá paíticundireito. OvidmaazúsEd2

Diante desta realidade, a distinção entre direita e esquerda, para a qual o ideal de igualdade sempre foi a estrela polar a ser contemplada e seguida, é claríssima. Se desviarmos os olhos da questão social no interior dos Estados singulares – da qual nasceu a esquerda no século passado – para a questão social internacional, constatamos que a esquerda não só não completou seu caminho como, a rigor, mal o começou. (2001, p.140)

Assim, vale agora recapitular o que caracteriza cada categoria da diáde política que é empregada desde a Revolução Francesa. Diferentemente do que faz Bobbio no livro citado, aqui direita e esquerda serão tratadas separadamente, começando pela primeira.

De acordo com Norberto Bobbio, a pessoa de direita “dá maior relevância política ao que diferencia um homem do outro do que ao que os une” (*Id.* p.23). Para tal pessoa a desigualdade seria a regra. Então, se alguma relação de igualdade tiver de ser acolhida, ela deveria ser devidamente justificada. Salvo exceções, a regra da direita seria a exclusão.

A direita, prossegue Bobbio, é inigualitária “porque considera que as desigualdades entre os homens são não apenas inelimináveis (ou são elimináveis apenas com o sufocamento da liberdade) como são também úteis, na medida em que promovem a incessante luta pelo melhoramento da sociedade” (*Id.* p.37). Além de tender a acentuar as diferenças, o inigualitário teria a convicção de que as desigualdades seriam naturais e, enquanto tal, inelimináveis (*Id.* p.121-123).

Segundo Bobbio, a pessoa de esquerda é “aquela que considera mais o que os homens têm em comum do que os divide” (*Id.* p.23). Para tal pessoa, a igualdade seria a regra, e a desigualdade, exceção. Portanto, para ela, qualquer forma de desigualdade precisaria ser de algum modo justificada. Salvo exceções, a regra seria a inclusão. A esquerda, esclarece Bobbio, é igualitária. Por isso, tenderia “a reduzir as desigualdades sociais e a tornar menos penosas as desigualdades naturais” (*Id.* p.116). Buscando atenuar as diferenças, o igualitário teria a convicção “de que a maior parte das desigualdades que o indignam, e que gostaria de fazer desaparecer, são sociais e, enquanto tais, elimináveis” (*Id.* p.123).

Norberto Bobbio adverte, porém, que afirmar que a esquerda corresponde a uma doutrina igualitária não significa dizer que ela é “igualitarista”. O pensador italiano marca bem a diferença entre movimento igualitário e “igualitarismo”, quando este último é entendido como “igualdade de todos em tudo” (*Id.* p.115-116).

Embora se diga fiel, como intelectual, ao ecletismo, “que significa ‘olhar um problema por todos os lados’” (*Id.* p.33), Bobbio se permite um testemunho pessoal, após caracterizar a díade política direita-esquerda: “Sempre me considere um homem de esquerda e, portanto, sempre atribuí ao termo ‘esquerda’ uma conotação positiva” (*Id.* p.140). É provavelmente uma confissão importante para que o leitor compreenda o sentido de uma obra que demonstra a persistência da validade da mais tradicional díade política. Mas, mesmo sem o testemunho, talvez fosse possível descobrir o ponto de vista de Bobbio ao verificar a contundência de um dos comentários do livro sobre o tema da desigualdade:

O fato de que a distinção entre ricos e pobres, introduzida e perpetuada pela persistência do direito tido como inalienável à propriedade individual, seja considerada a principal causa da desigualdade, não exclui o reconhecimento de outras razões de discriminação, como a discriminação entre homens e mulheres, trabalho manual e trabalho intelectual, povos superiores e povos inferiores. (*Id.* p.139)

### A questão do extremismo

Uma analista da agência Reuters recentemente abordou o fantasma do extremismo que parece assombrar a cena política européia. O contexto de seu comentário era evidentemente o sucesso eleitoral recente de líderes da extrema direita na França e na Holanda. Para afastar boatos e opiniões confusas, ela argumenta que a maior parte dos analistas políticos europeus refutaria a tese de que o velho continente “poderia estar caminhando em direção a um novo flerte com o fascismo, como ocorreu no século passado” (THOMASSON, 16/05/02, p.A15).

A retórica da analista pode tranquilizar a maioria dos leitores brasileiros. Mas parece inevitável que o tema do extremismo continue em pauta em um mundo cada vez mais marcado pela insegurança e a violência.

A tentativa de conhecer mais sobre o extremismo leva aqui ao retorno à obra de Norberto Bobbio. Acerca do tema, o pensador italiano comenta, inicialmente, que “a díade extremismo-moderantismo não coincide com a díade direita-esquerda” (2001, p.68). Segundo Bobbio, os extremistas teriam em comum a antidemocracia. A aversão pela democracia como conjunto de valores e como método seria

historicamente a característica mais persistente e significativa dos extremismos (*Id.* p.76). Para os extremistas, democracia seria “sinônimo de mediocracia, entendida como domínio não só da camada média, mas também dos medíocres” (*Id.* p.74). Além disso, em toda forma de extremismo existiria “uma forte veia antiiluminista” (*Id.* p.71), sobretudo de origem irracionalista, incluindo aí uma corrente de inspiração religiosa.

Compreendida a lição do moderantista Bobbio sobre o extremismo, é particularmente estranho lidar com o seguinte título: “O extremismo pedante de Tariq Ali”, utilizado em artigo de um analista do *Guardian* publicado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* em sua versão *on-line* (BURUMA, 12/05/02).

O referido analista, ao abordar a participação de Tariq Ali numa feira de livros nos EUA, relata como o escritor de origem paquistanesa reagiu à sugestão de que seria “antiamericano”. “Nem um pouco. Sou contra os governantes da América (EUA) e o povo que os elege, mas não contra os que discordam.” Tal resposta de Ali foi considerada, pelo colaborador do *Guardian*, “um comentário meio estranho sobre democracia”. Daí, talvez, a infeliz escolha da palavra “extremismo” para qualificar o discurso de Tariq Ali. Entretanto, é muito difícil aceitar como antidemocrático um autor que, em seu mais recente livro, escreveu o seguinte:

Lutar contra a tirania e a opressão usando meios tirânicos e opressores, combater um fanatismo direcionado e implacável tornando-se igualmente fanático e implacável não ajudará a causa da justiça nem trará a democracia. Isso só pode prolongar o ciclo de violência. (ALI, 2002, p.11)

O discurso de Tariq Ali é obviamente de esquerda. Afinal, o escritor, nascido em 1943, é também editor da *New Left Review*. Contudo, confundir esquerda com extremismo soa neste texto, que segue a explicação de Bobbio, como um verdadeiro absurdo. E reforça o parecer de Traquina sobre o valor da formação humanística para os profissionais do campo jornalístico.

Em recente entrevista (*Carta Capital*, 15/05/02, p.63), Tariq Ali abordou questões já mencionadas aqui, como o fantasma extremista no cenário político europeu e a herança do Iluminismo, expondo uma perspectiva bem diferente da de um extremista. Sobre as razões do

crescimento da extrema direita em certos países da Europa, explicou: “É a revolta dos que se sentem abandonados pelos seus antigos partidos de centro de e de esquerda”. E revelou:

Sou a favor do Iluminismo, mas não todo ele. Kant e Voltaire eram terrivelmente racistas, mas os pensadores do Iluminismo têm muito a nos ensinar sobre religião e superstição. A tentativa pós-moderna de transcender o Iluminismo tem sido um desastre para a vida intelectual. O relativismo é fatal para qualquer cultura (*Ibid*).

### Conclusão

A estratégia adequada para o ensino do jornalismo no Brasil contemporâneo é tema de importante debate no meio universitário. A Teoria do Jornalismo, aqui representada pela obra de Nelson Traquina, aponta um caminho: ao lado do treinamento técnico, o aprofundamento no estudo das Ciências Humanas. A relevância dessa solução foi o que se procurou revelar aqui, no acompanhamento da conceituação de Norberto Bobbio sobre a diáde política direita-esquerda e na breve consideração sobre o sentido do extremismo.

### Referências Bibliografia

- ALI, Tariq. *Confronto de fundamentalismos*. Rio de Janeiro: Record, 2002, 479 p.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora UNESP, 2001, 189 p.
- BURUMA, Ian. “O extremismo pedante de Tariq Ali”. In: *O Estado de S. Paulo*, 12/05/02 (*on-line*).
- CARTA Capital. “Uma extrema-direita no Brasil?”. In: \_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Confiança, 15/05/02, p. 63.
- CARTA, Mino e DIAS, Maurício. “Lula pode ganhar; No caso a dificuldade seria evitar o confronto sem contemporizar demais; Fala Raymundo Faoro”. In: *Carta Capital*. São Paulo: Editora Confiança, 15/05/02, p.30-33.

- COSTA, Antonio Luiz M. C. “A lógica da saída pela direita”. In: *Carta Capital*. São Paulo: Editora Confiança, 01/05/02, p.36-38.
- THOMASSON, Emma. “O fantasma do extremismo”. In: *Folha de S. Paulo*, 16/05/02, p.A 15.
- TRAQUINA, Nelson (dir.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1993, 360 p.
- \_\_\_\_\_. “A redescoberta do poder do jornalismo: análise da evolução da pesquisa sobre o conceito de agendamento (agenda-setting)”. In: \_\_\_\_\_. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001, p.11-47.